

**CENTRO UNIVERSITÁRIO – UNIFAAT
PSICOLOGIA**

ANA CAROLINA DUMELLE

**O MANEJO CLÍNICO PSICOTERÁPICO NA
PERSPECTIVA DE SÖREN KIERKEGAARD**

ATIBAIA – 2018

CENTRO UNIVERSITÁRIO – UNIFAAT
PSICOLOGIA

ANA CAROLINA DUMELLE – 1514005

**O MANEJO CLÍNICO PSICOTERÁPICO NA
PERSPECTIVA DE SÖREN KIERKEGAARD**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como exigência parcial para obtenção do grau de Bacharel em Psicologia pela UNIFAAT, sob orientação do professor Émerson Domingues da Silva.

ATIBAIA – 2018

Dumelle, Ana Carolina

D922m O manejo clínico psicoterápico na perspectiva de Søren Kierkegaard.
/ Ana Carolina Dumelle, - 2018.
33 f.; 30 cm.

Orientação: Emerson Domingues da Silva

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) – Centro Universitário UNIFAAT, como requisito para obtenção do título de Bacharel em Psicologia da Faculdades Atibaia, 2018.

1. Fenomenologia 2. Existencialismo 3. Kierkegaard 4. Estádios 5. Psicologia Kierkegardiana I. Dumelle, Ana Carolina II. Silva, Emerson Domingues da III. Título

CDD 194

APROVAÇÃO

Dedico este trabalho ao ser de cada um que o ler, compartilhando a difícil tarefa que é existir, com suas muitas nuances, angústias e desespero humano.

Agradeço, em primeiro lugar, a Deus, porque sem Ele nada disso poderia acontecer. Também sou grata a Ele, pois em meu desespero frente a tantas possibilidades de tema, mostrou-me o caminho que eu deveria seguir e se fez presente em toda a construção desse caminho.

Sou igualmente grata à minha mãe, pois sem o suporte ao redor, cuidando da minha saúde, da minha alimentação e das coisas rotineiras e caseiras, este trabalho, talvez, teria pouca qualidade, ou precisaria ser adiado.

Agradeço à minha grande amiga e líder Joelma que esteve nos bastidores da minha escrita, incentivando-me e auxiliando-me a produzir o que seria o berço do meu conhecimento e da minha atuação como futura psicóloga.

Reynaldo, outro amigo, que também foi alavanca para o meu tema, proporcionou-me boas conversas sobre Kierkegaard, ajudando-me a caminhar pelo autor desde a parte psicológica até a parte espiritual.

Sou imensamente grata ao meu professor e orientador, Émerson, que nunca me desamparou ou me desanimou em minha escolha, mas, ao contrário, acreditou em meu tema e me guiou por ele, corrigindo-me nas necessidades, e pontuando possíveis melhoras. Sei que sem ele, não haveria quem pudesse me orientar.

Sou grata a muitas outras pessoas, que indiretamente, possuem um dedo neste trabalho e em sua confecção.

E por fim, sou grata a Sören Kierkegaard, que refletiu sobre a tão incrível escrita divina – a Bíblia – de uma maneira que pude percebê-la dentro da clínica psicológica, com seus sofrimentos e seus desesperos por romper com um estádio e caminhar para o outro.

Pois a carne deseja o que é contrário ao Espírito; e o Espírito, o que é contrário à carne. Eles estão em conflito um com o outro, de modo que vocês não fazem o que desejam.

Gálatas 5:17

Ao ganhar interioridade, o homem ganha transparência, mostrando-se de maneira plena para si próprio, para os outros homens e, em última instância, para a sua inevitável testemunha que é Deus, como aquilo que de fato é.

Sören Kierkegaard

RESUMO

O presente trabalho teve o objetivo de apresentar Søren Kierkegaard, o precursor do Existencialismo, com sua teoria filosófica e seus conceitos sobre seus três estádios. Utilizando-se de pesquisa bibliográfica e de autores especializados em suas obras, pode-se mostrar a execução de suas ideias na clínica psicológica; a pertinência do papel do psicólogo como um “ajudante” – termo utilizado por Kierkegaard em seus escritos filosóficos – capacitado a levar seu paciente a refletir sobre sua própria vida, sobre suas angústias e desespero. Constatou-se que é possível pensar e construir uma clínica psicológica com bases kierkegaardianas.

Palavras-chaves: fenomenologia; existencialismo; Kierkegaard; estádio; psicologia kierkegaardiana.

ABSTRACT

The present work had the objective of presenting Søren Kierkegaard, the precursor of Existentialism, with his philosophical theory and his concepts about its three stages. Using bibliographical research and specialized authors in his works, one can show the execution of his ideas in the psychological clinic; the pertinence of the psychologist's role as a "helper" - a term used by Kierkegaard in his philosophical writings - enabled him to bring his patient to reflect on his own life, on his anguish and despair. It has been found that it is possible to think and construct a psychological clinic with Kierkegaardian bases.

Keywords: Phenomenology, Existentialism, Kierkegaard, stages, Kierkegaardian psychology.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	1
1 CONTEXTO HISTÓRICO DE KIERKEGAARD	6
1.1 Os três estádios kierkegaardianos	9
1.2 O ajudante	12
2 UMA PSICOLOGIA COM BASE KIERKEGAARDIANA	14
3 ESTUDO DE CASO COM BASE NA PSICOLOGIA KIRKEGAARDIANA	22
3.1 Análise do caso à luz kierkegardiana	25
CONCLUSÃO	30
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	32

INTRODUÇÃO

Este trabalho se propõe a compreender a intervenção e o manejo clínico psicoterápico à luz do filósofo Sören Kierkegaard, visto que este autor traz três conceitos muito importantes para sua filosofia (estádio estético, estágio ético e estágio religioso), mas que acabam sendo estudados e transportados à Psicologia pelas autoras Ana Maria L. C. de Feijoo e Myriam M. Protasio.

Kierkegaard traz contribuições para que o indivíduo possa refletir sobre sua condição atual, sendo transformado de maneira a deixar para trás questões que já não mais refletem suas necessidades atuais, questionando o porquê de muitas de suas preocupações e posições perante a vida, em determinado momento, sendo melhor explicado por Abbagnano (1992, *apud* JANZEN e HOLANDA, 2012) que diz que o homem precisa de uma autorreflexão, ou seja, voltar-se para si, no sentido de o indivíduo passar a ter uma relação consigo mesmo.

Complementando, este projeto pode trazer benefícios à Psicologia, ampliando o conhecimento sobre Kierkegaard, bem como a forma de se aplicar sua teoria na clínica, compreendendo assim o manejo clínico na fenomenologia-existencial e a forma como a teoria pode se transformar em uma prática efetiva.

Antes de se levantar aspectos de Kierkegaard e sua filosofia/psicologia, são importantes salientar aspectos da fenomenologia-existencial. Araújo (2010) vai abordar em seu artigo, que a Fenomenologia é uma ciência que visa o fenômeno de maneira tal qual ele se manifesta, ou seja, como ele se apresenta na consciência. Nesta abordagem, busca fazer com que o paciente entre em contato com seus sentimentos, com suas experiências, com seus pensamentos.

Já sobre o Existencialismo, Araújo (2010) abordará um lema existencialista que diz que a existência vem antes da essência, isto é, alguém só pode ser algo a partir do momento que passa a existir. Partindo disso, cada pessoa é livre para escolher o que quiser para si, fazendo com que o ser humano se torne essencialmente responsável por cada uma de suas escolhas, sendo estas que o constituem como ser. Araújo comenta também que o homem

está sempre se refazendo e é por conta desse constante movimento de mudança, de se construir a cada dia que podemos afirmar que o

homem é uma existência. Ele é aquilo que ele projeta ser, aquilo que ele decide ser (ARAUJO, 2010, p.319).

O papel da fenomenologia-existencial é fazer com que o ser humano identifique o ponto em que está de sua existência, e qual o significado que dá a si próprio e ao mundo que está em seu redor. A existência é um constante vir a ser, um poder ser de algo que ainda não é (ARAUJO, 2010). E ainda sobre o existencialismo, Kierkegaard é considerado o fundador da filosofia existencialista, sendo que em sua biografia, Kierkegaard (1843) dirá que ele foi um teólogo dinamarquês nascido no século XIX, participante da filosofia do existencialismo, nascido de pais cristãos em um meio religioso, mas extremamente fanático, sendo Kierkegaard constantemente punido e perturbado com a ideia de “pecado”.

Juntamente a esse fator, Kierkegaard também acabou sendo influenciado por outra questão de sua vida, que foi seu enamorar por Regina Olsen, com quem manteve noivado, mas, com quem, inesperadamente, rompeu o relacionamento. Supõe-se que, Kierkegaard ficou profundamente perturbado com as ideias de pecado e de males da carne, preocupando-se grandemente com a pureza de sua alma. Para Kierkegaard, o término do noivado foi uma maneira de libertar Regina para a vida da carne, e libertar a ele mesmo para a vida do espírito. Janzen e Holanda (2012) vão falar que o noivado precisava ser com a religião no centro de suas vidas, porém Regina não estava muito disposta a isso.

Kierkegaard produziu inúmeras obras, sendo muitas delas escritas sob pseudônimos, como forma de cada autor demonstrar aspectos diferentes da existência, sendo cada um, uma maneira individual de existir, podendo cada sujeito escolher a verdade que quisesse (JANZEN; HOLANDA, 2012).

No Livro “O desespero humano”, haverá a seguinte ideia de Kierkegaard, como uma maneira de comprovar suas ideias e sua permanência no existencialismo: “o homem [...] não só se encontra desamparado mas quase desesperado. Sua única esperança está na compreensão da própria existência, que é a única realidade finita” (KIERKEGAARD, 1843, p.151-152). Ele complementa dizendo que estas ideias só podem ser compreendidas não “[...] pela razão e sim pela relação do homem com Deus. Não é possível essa relação

através dos dogmas [...]. Somente se consegue mediante a relação pessoal direta entre Deus e o homem”. (1843, p. 152).

Kierkegaard (1843) relata em sua obra “O Desespero Humano” os seus sentimentos por Regina Olsen, em forma do pseudônimo Johannes, mostrando assim como ele era como sedutor, em uma vida voltada ao estágio estético, em busca da satisfação da carne, da sedução. Os autores Janzen e Holanda (2012) complementam dizendo que, em 1836 Kierkegaard saiu de casa e passou a viver sua vida nos prazeres, sendo que entre 1837 e 1838 esteve grandemente enfermo e abatido, até que, no mesmo ano de 1838 teve uma experiência espiritual, que o tirou desses caminhos.

Já no texto de tradução do livro “Os pensadores”, Kierkegaard (1988) nos traz que no livro “O desespero humano” ele buscará explicar a temática do que viria a ser o desespero humano, sendo este a doença. Para ela ser curada, seu remédio seria o ser humano morrer para o mundo. Aquele que é desesperado morre aos poucos, porém ser cristão é morrer de uma só vez. Para explicar isso, o autor nos trará que, buscar o auxílio “fora” (no mundo) é não ter vida, aprofundando cada vez mais nesse desespero. Para que isso acabe de uma vez, busca-se, efetivamente, o completo desligamento do mundo, vivendo em espírito.

Fernandes e Campos (2013) vão refletir sobre o livro “Temor e Tremor”, dizendo ser o livro da fase “religiosa” de Kierkegaard. Nesse estágio, a pessoa se baseará na ideia do dever, mesmo que esse dever ser um absurdo, como foi a ideia de um patriarca bíblico quase levar à morte, propositalmente, o seu único filho. É uma fase em que a pessoa não se deixa levar pelas ideias universais, mas sim está envolto na fé, que é paradoxal. Nesse livro Kierkegaard não critica, mas sim se manifesta totalmente admirado pela posição de Abraão.

Para complementar, Protasio (2014) diz que Kierkegaard estranhou alguma das filosofias da época e a maneira da Psicologia enxergar a realidade humana. Portanto, Protasio vai mostrar que para o filósofo “A psicologia aparece [...] como investigação acerca da vida humana singular em tensão com a vida humana enquanto em universal” (PROTASIO, 2014, p. 214). Protasio também dirá que para Kierkegaard há um embate em que o ser humano precisa sair da posição de cristão apenas de nome para se tornar um cristão de fato, assim

como, o ser humano precisa deixar de ser homem de nome para realmente conquistar a sua humana, vindo a ser um homem de fato.

Feijoo (2007, p. 111) também trará a sua contribuição, dizendo que “[...]o homem estava perdendo sua singularidade”, na época de Kierkegaard. Ela continua dizendo que “O perigo consistia em que o homem acabasse por esquecer de si mesmo e sem saber sequer o seu nome, acabasse permitindo se levar pelo mundo”.

Feijoo (2007, p. 111) vai relatar também que para o filósofo havia um grande incômodo por conta dos homens estarem seguindo caminhos de prazer, buscando sensações e a satisfação própria. Feijoo traz um termo utilizado pelo autor – ajudante – que significa

[...]àquele que pretende ajudar o outro a se desembaraçar dos laços da ilusão, a não deixar que o homem se perca do impessoal, esquecendo-se do caminho de voltar a si mesmo. Diz que aquele que quer ajudar deve, antes de tudo, reconhecer que tem um diferencial em relação ao outro. Deve estar na adição, isto é, reconhecer-se no seu projeto, naquilo que lhe é mais fundamental, e não se perder no plural, nas demandas do mundo. Só assim pode tentar identificar a ilusão do outro, introduzindo o elemento dialético; finge compartilhar a ilusão de forma a provocar no outro a reflexão. Aquele que quer ajudar, deve estar atento para não se deixar seduzir pela ilusão do outro[...](FEIJOO, 2007, p. 112).

Sobre a maneira de Kierkegaard enxergar o indivíduo, Janzen e Holanda (2012) complementam essa ideia dizendo que a maneira de Kierkegaard encarar o ser foi uma profunda marca na filosofia, pois ele, ao contrário do que acontecia na época, não buscava explicar o sujeito de maneira objetificado, mas sim superior e sendo o eixo de tudo, sendo um pensamento de essência religiosa.

Para esta pesquisa, pretende-se utilizar os três livros básicos de Kierkegaard: “Diário de um Sedutor” (1843), “O Desespero Humano” (1849) e “Temor e Tremor” (1843). Também serão utilizados livros da autora Ana Maria L. C. de Feijoo, como “O pensamento de Kierkegaard e a Clínica psicológica” (2013). Alguns artigos também serão revisados, como “Os fundamentos da clínica psicológica na filosofia de Sören Kierkegaard” (2007), de Ana Maria L. C. de Feijoo, “A psicologia indicada por Kierkegaard em algumas de suas obras” (2014), de, também Myriam M. Protasio, “Temor e Tremor: a natureza da fé no pensamento de Kierkegaard para a atualidade” (2013), de Mônica Ap. Fernandes e Ronny F. Campos, “Elementos para uma psicologia no pensamento de

Sören Kierkegaard” (2012), de Marcos R. Janzen e Adriano Holanda, “Análise existencial: uma psicologia de inspiração kierkegaardiana” (2011), de Ana Maria L. C. de Feijoo e Myriam M. Protasio e “O diagnóstico na abordagem fenomenológica-existencial” (2010), de Ariana M. L. Araújo. Outro texto utilizado será a tradução de um trecho do livro “Os pensadores”, de 1988.

Trata-se, portanto de uma análise narrativa da literatura. No primeiro capítulo, pretende-se abordar acerca do autor Sören Kierkegaard, com sua biografia e suas ideias principais, explicando, principalmente os três estádios aos quais ele coloca o ser humano (estético, ético, religioso). Já no capítulo dois, buscar-se-á falar da proposta de uma psicologia com base kierkegaardiana, baseada em seus fundamentos e seus princípios, e utilizando por base, principalmente, os escritos de Myriam M. Protasio e Ana Maria L. C. de Feijoo. O terceiro capítulo será a análise de uma situação clínica, refletindo assim a efetividade dos conceitos do autor na prática psicológica clínica.

1. CONTEXTO HISTÓRICO DE KIERKEGAARD

Para que se consiga entender um pouco das ideias de Kierkegaard, é necessário que se conheça a vida dele, sendo esta a base para a criação de sua filosofia.

De acordo com Feijoo (*et. al.*, 2013) Kierkegaard, ou Sören Aabye Kierkegaard, nasceu em 5 de maio de 1813 na Dinamarca e foi neto de um camponês arrendatário e rigidamente religioso. O pai de Kierkegaard, Michael Pedersen Kierkegaard, cresceu nessa educação austera, pobre e com sérias condições de trabalho, sendo que essa realidade de vida culminou em uma atitude a qual Michael se arrependeu imensamente: blasfemou contra Deus. Essa blasfêmia gerou um forte e constante sentimento de culpa que nunca o deixou.

Feijoo (*et. al.*, 2013) descreve também que em certo momento, Michael saiu da pobreza e foi para a riqueza quando passou a trabalhar com um tio materno como comerciante de lã. Essa profissão o enriqueceu e trouxe tamanha sorte que em um incêndio todas as moradias ao redor da loja de lã foram queimadas, menos a sua.

Anos depois, Michael casa-se com Kirstine Royen, com quem não teve filhos, visto que ela acabou por falecer. Mas isso não o impediu de buscar reconstruir outra família, vindo a se casar novamente com uma das empregadas da falecida Kirstine, Anne Sorensdatter Lund. Com esta, Michael gerou sete filhos, sendo eles: Maren, Nicoline, Pétrea, Peter, Sören Michael, Niels e Sören Kierkegaard.

Contudo, apesar de todas essas alegrias com o financeiro e a família, Michael não se esquecia da blasfêmia que cometeu ao amaldiçoar Deus em sua juventude e cria que precisava fazer um sacrifício ao Senhor, entregando a Deus algo que fosse precioso a Michael. É então nesse momento que Michael assume para si o sacrifício de Abraão, ou seja, entregar o seu filho Sören Aabye Kierkegaard para o propósito da fé. Em uma analogia, Michael seria Abraão e Kierkegaard seria Isaque.

Nas palavras de Feijoo (*et. al.*, 2013, pp. 14-15)

O próprio Kierkegaard, mais tarde, identificar-se-ia com Isaque, dadas as circunstâncias: filho de um casal idoso e um pai severamente religioso que, tal como Abraão, estava disposto a entregar seu filho à

vontade de Deus sem duvidar, sem questionar, por acreditar que assim Deus desejara.

Em 1838 o pai de Kierkegaard faleceu, deixando somente Kierkegaard e Peter como filhos, sendo que apenas Kierkegaard assumiu a culpa da blasfêmia e a riqueza do comércio de seu pai.

A educação de Kierkegaard foi de grande rigidez, precisando sempre se portar como um adulto, mas nunca perdendo o seu jeito reflexivo, crítico, indignado e irreverente de ser. Tanto que, uma das questões que mais o autor era avesso era sobre as instituições, em especial, a instituição religiosa. Mas apesar de toda essa educação rígida do pai, Kierkegaard nunca deixou de amá-lo e nunca criticou a maneira de o pai ser e ensinar.

Kierkegaard foi um grande crítico da Igreja, defendendo questões como a humildade e combatendo a religião e o intelectualismo, em prol da vivência e da prática da vida de Cristo. Desde cedo Kierkegaard já participava de discussões sobre teologia, ética e dialética com seu pai, como se referem Janzen e Holanda (2012), tendo desde cedo convivência com uma Igreja “de aparências”, objeto tão criticado em suas obras.

Feijoo (*et. al.*, 2013) aborda que Kierkegaard e seu pai gostavam muito de criar situações imaginárias, sendo esta uma das possíveis causas de o filósofo conseguir refletir e escrever sobre a existência humana. Tanto que, Kierkegaard via os escritos como uma maneira de o leitor poder saber de si mesmo e de se desvendar, sendo este um meio de refletir sobre sua existência.

Kierkegaard (1843, pp. 151-152) diz que sua única esperança é

[...]a compreensão da própria existência, que é a única realidade finita. Todavia, tal compreensão não a pode alcançar pela inteligência e sim pela fé pura. Nunca pela razão e sim pela relação do homem com Deus. Não é possível essa relação através de dogma [...] Somente se consegue mediante a relação pessoal direta entre Deus e o homem. [...] O indivíduo que existe não é um Ser e sim um Devir.

Algo de grande importância na vida de Kierkegaard foi o momento de sua paixão e de seu noivado com Regine Olsen. Porém essa paixão não obteve a concretização de um casamento, já que Kierkegaard rompeu o relacionamento. Feijoo (*et. al.*, 2013) comenta que, indiretamente, Kierkegaard escreveu sobre a “ex-noiva” em seus livros. Contudo, de acordo com os registros, nem a própria

Olsen soube o porquê do rompimento, mesmo dando a entender que a paixão dele por ela nunca tenha acabado.

Porém, alguns registros dizem que o rompimento ocorreu porque Kierkegaard passou a desejar viver uma vida em busca da plenitude espiritual em detrimento de todo e qualquer prazer terreno. “Kierkegaard libertou Regina para a vida do corpo enquanto ele mesmo se libertou para a vida do espírito” (KIERKEGAARD, 1843, p. 150). Foi em 1838 que o autor teve uma experiência espiritual chamada de grande terremoto, como cita o autor Brandt (1963, *apud* JANZEN E HOLANDA, 2012), mudando, e muito, a sua forma de enxergar a sua vivência e as suas escolhas.

Todo esse momento de noivado com Regine durou entre 1840 e 1841, fase esta em que Kierkegaard, de acordo com Feijoo (*et. al.*, 2013), também realizou treinamento no seminário pastoral, fazendo um sermão, e defendeu a sua dissertação. Mas sendo um momento muito rápido e curto em sua vida, Kierkegaard abandonou tudo: a ideia de um casamento, a ordenação pastoral e a possibilidade de uma docência.

Apesar dessa atitude, a separação de Regine trouxe uma grande tristeza ao autor, utilizando a escrita para poder expressar muitos de seus questionamentos e de suas angústias.

Sobre sua morte, Feijoo (*et. al.*, 2013) diz que não possuem registros a respeito de como o filósofo terminou sua vida, sendo isso uma incógnita, mas com várias teorias e todas bem dramáticas: sífilis, vida boemia, depressão, queda sem sentido na rua e paralisia espinal progressiva.

Um fato importante de sua vida foi que, na época da paixão por Regine Olsen, Kierkegaard viveu, por algum tempo, uma vida despreocupada e autocentrada, como se pode ver em sua obra *O diário de um sedutor*.

Com toda a sua experiência de vida, Kierkegaard passou a escrever livros e cada um deles baseado em um pseudônimo, que, de acordo com Janzen e Holanda (2012) tinha por objetivo demonstrar pontos de vistas existenciais de diferentes modos. Cada pseudônimo tinha as suas características próprias, podendo assim alcançar pessoas em qualquer um dos estádios de existência, que foram denominados pelo autor como: estético, ético e religioso.

Para finalizar, algumas de suas obras consideradas importantes e que refletiram, grandemente, a vida do autor, de acordo com Janzen e Holanda

(2012) são *O desespero humano*, que vai retratar o estágio estético do ser, visto que a pessoa se desespera ao não poder ser si mesmo ou ao ser si mesmo. Já *O Conceito de Angústia* vai dizer que a pessoa se angustia diante das possibilidades, visto que, neste momento, o indivíduo já começa a perceber no que acarreta a sua liberdade. Em *Temor e Tremor* vemos a presença do estágio religioso, em que o autor começa a questionar sobre fundamentos e possibilidades espirituais e transcendentais.

Muitas outras obras foram fundamentais para a escrita kierkegardiana, mas estas são, de longe, as mais importantes.

1.1 Os três estágios kierkegardianos

Sobre os três estágios de Kierkegaard, é importante saber que Fernandes e Campos (2013) vão abordar questões sobre a maneira de Kierkegaard escrever, sendo este um filósofo que refletia que o ser humano tem um grande potencial para viver a sua própria existência, isto é, não ser premeditada a forma da sua vivência, podendo ele fazer dela aquilo que bem entender. Até porque, é apenas nessa condição que cada pessoa vai se constituindo como pessoa que é. Porém, a condição de uma pessoa se constituir enquanto vive trará a Kierkegaard a ideia de que cada pessoa possui a sua verdade, sendo então a verdade uma questão de subjetividade, não existindo uma verdade objetiva.

A partir dessa subjetividade, o sujeito, de acordo com Fernandes e Campos (2013), passará a viver em uma dualidade/oposição de conceitos: finito/infinito; revelação/mistério; etc. Essas ambiguidades originam o conflito existencial, visto que cada pessoa estará frente a diversas possibilidades, e precisará escolher entre uma das dualidades/oposições propostas.

Toda essa oposição surgiu da própria vivência de vida interna e externa de Kierkegaard, tendo ele próprio vivenciado essas angústias. Observando então essas ideias opostas, o filósofo passou a perceber que ao longo da existência de uma pessoa as suas condutas refletem o estágio que ela está vivendo no presente momento, podendo ela regredir ou avançar um estágio. Os estágios de Kierkegaard se resumem em estético, ético e religioso.

No estágio estético, de acordo com Fernandes e Campos (2013), Kierkegaard traz o indivíduo ligado às questões materiais e imediatistas da

existência, sendo uma pessoa pouco questionadora e que age por seus instintos e pela busca do prazer. Janzen e Holanda (2012) relacionam esse estágio com o viver do agora, não havendo compromisso com o outro e sendo um sujeito centrado apenas em si mesmo. Kierkegaard escreveu livros como “O Diário e um Sedutor” e “Ou-ou” que retratam pseudônimos que descrevem personagens com esse estilo de vida.

No estágio ético, Fernandes e Campos (2013) vão falar que Kierkegaard traz uma fase em que o indivíduo passa a entrar em contato com o real conflito existente com sua subjetividade. Há nesse estágio, segundo Janzen e Holanda (2012), a responsabilidade e o dever de algo. Nesse momento o indivíduo já é capaz de fazer escolhas entre o bem e o mal, reconhecendo as consequências que terá. É um momento em que a pessoa passará por viver muito preocupada com as regras socialmente impostas, podendo se tornar um ser que não aceita erros. Uma obra de Kierkegaard que retrata esse estágio é igualmente “Ou-ou”.

No terceiro estágio, o religioso, Fernandes e Campos (2013) abordam que, para Kierkegaard, é a fase mais elevada da existência, pois o indivíduo passa a resolver seus conflitos usando a fé como base. Contudo, como essa fé pode ser questionada, a pessoa entra no desespero de sua existência. De acordo com Janzen e Holanda (2012) essa fase tem profunda relação com Deus e a vida terrena perde a importância, tendo a atenção voltada à humildade. Uma obra que retrata esse momento é “Temor e Tremor”.

Essas fases podem ou não estar presentes na vida de cada sujeito, não sendo fases necessariamente lineares e sucessivas. Porém Fernandes e Campos (2013) descrevem que para que um indivíduo vá de um estágio para o outro é necessária a modificação da consciência, pois a pessoa precisará se responsabilizar por seus atos. Ou seja, cada indivíduo passa pela possibilidade/escolha de mudar ou não de estágio, contudo sem deixar de se responsabilizar por isso.

Janzen e Holanda (2012) dizem que esses estágios são maneiras diferentes de um indivíduo existir, sendo fases em que sua passagem se dá por meio de “salto”, visto que cada uma dessas fases é diferente da outra. Ou seja, Kierkegaard traz a possibilidade do ser caminhar pela existência através de estágios, podendo ser ou não lineares, mas cada um deles com suas características bem demarcadas e distintas uma da outra.

Esses estádios são permeados de questões como a angústia e o desespero, mas cada estádio mantendo o seu próprio desespero. Sampaio (2003) aborda o desespero dos dois primeiros estádios, sendo o desespero do estádio estético o homem que vive preso ao imediatismo finito e o do estádio ético o homem que precisa se auto afirmar, não aceitando julgamentos.

Sobre a angústia e o desespero, Feijoo (*et. al.*, 2015) aborda o livro “O conceito de angústia” de Kierkegaard, na voz do pseudônimo Haufniensis, mostrando que o fato de viver é se angustiar, pois há angústia no aprender sobre si mesmo. E só se aprende sobre si mesmo no viver do dia a dia.

Feijoo (*et. al.*, 2015) diz que quando o homem está na inocência é porque ele está em um momento de ignorância, não havendo nenhuma reflexão em seus atos. Contudo, em determinado momento passará a haver possibilidades, e nessas possibilidades há angústia. Na possibilidade há liberdade de agir, mas também há responsabilidade. A partir disso, o indivíduo também pode chegar a vivenciar a culpa, pois cada um é culpado de si mesmo, sendo um sentimento intransferível.

Outro conceito importante dentro da teoria de Kierkegaard é o desespero, pois a partir do conflito entre estádios, o indivíduo começa a sofrer em seus paradoxos existenciais, visto que a pessoa se desespera por, ou querer ser quem não se é ou por não querer ser quem se é, como abordam Janzen e Holanda (2012). Quando alguém se desespera se desespera do “eu” e não sobre algo ou alguma coisa.

Protasio (2008) vai dizer que para Kierkegaard o desespero do eu acontece, pois há uma tensão da relação do eu consigo mesmo, visto que a existência nunca é determinada, mas sempre um devir, isto é, possibilidades. Portanto, quando o ser está em estado “paralisado” diante de uma decisão ou de uma tarefa ele pode não transparecer para si mesmo a sua própria consciência, gerando o desespero.

Protasio (2008) aborda também que para Kierkegaard estas escolhas podem se dar a partir do estádio em que o indivíduo se encontra: estético, ético, religioso. Porém, para o filósofo, é necessário que a pessoa assuma e se firme em sua existência própria e singular.

1.2 O ajudante

Um ponto importante para o entendimento de Kierkegaard é o que o autor chama de “o ajudante”. De acordo com Feijoo e Protasio (2011) o ajudante é um Conselheiro Esteta que aparece no livro “A Repetição”, sendo este um personagem que tem por objetivo orientar a outra pessoa a saber como deve agir diante de alguma situação que envolva conflito. Esse “conselheiro” acredita que a sua própria vivência pode ser válida para a vivência do outro, pois “crê fielmente na repetição da experiência de vida” (FEIJOO; PROTASIO, 2011, p. 84).

Já na obra “Ou... Ou...” o ajudante é considerado um jovem com critérios éticos, pois de acordo com Feijoo e Protasio (2011, p. 85) “Daí denominarmos esse conselheiro de ético, pois pretende orientar o jovem no sentido de que ele se dê conta de que seus critérios de escolha e decisão estão equivocados”.

O ajudante da obra “Ponto de vista explicativo da minha obra como escritor” já vai considerar que as pessoas vivem na ilusão, sendo necessário pensar em uma maneira que “alcançasse no lugar em que estavam, na ilusão, para, então, introduzir o elemento reflexivo, ou seja, para mobilizá-los no sentido de se tornarem conscientes de sua ilusão” (FEIJOO; PROTASIO, 2011, p. 85). É nessa consciência que o outro pode buscar outras maneiras de existir, se libertando do autoengano. A maneira desenvolvida por Kierkegaard para isso acontecer era através de o ajudante, ao fingir que compartilhava da mesma ilusão do outro, inserir a reflexão, provocando o outro a se ver e a julgar a si mesmo. Essa técnica tinha por objetivo fazer com que o outro torne-se si mesmo, ou seja, um ser singular.

Feijoo e Protasio (2011, p. 85) vão dizer que para Kierkegaard

[...] o maior perigo para o homem é perder-se a si mesmo, iludir-se é perder-se de si mesmo. No contexto desse perigo, portanto, surge como que por si mesma a figura do instrutor, daquele que se instala na reflexão, assume uma posição negativa, não se afirma como tendo essa ou aquela posição, nem tampouco recorre a revelações. Esse instrutor, no propósito de ajudar o outro a tomar consciência da posição que ocupa, a ganhar interioridade acerca de si mesmo, conserva-se sempre na retaguarda, deixando o outro livre para si mesmo.

Sobre a postura que esse ajudante deve ter, Feijoo e Protasio (2011, p. 85-86) refletem que

[...] aquele que quer ajudar deve começar de forma humilde, encontrando o outro onde este se encontra, habitando o mundo do outro, compreendendo aquilo que o outro compreende. Mas esse ajudante não pode esquecer-se da “adição” [...]. O ajudante carrega consigo o caráter edificante, de pretender ser um instrumento de reflexão para o ajudado. [...] Quer encontra esse homem singular em meio a todo mundo, ao improprio e, introduzindo a reflexão, conclamá-lo a assumir uma obrigação para consigo próprio e para com o eterno, conclamando-o a julgar por si mesmo e a transparecer para si mesmo tal qual existe.

Kierkegaard compreende que essa transparência e esse autojulgamento é uma tarefa singular, mas que o ajudante vai orientar utilizando a ironia e a metáfora como meios, permitindo assim que o outro veja a si mesmo e decida por si mesmo, existindo de forma transparente.

Sobre a singularidade, Kierkegaard, de acordo com Feijoo e Protasio (2011) vai falar que ser singular é ter coragem para assumir sua posição na existência, arriscando-se para deixar de ser instável, e isso acontece a partir do momento que o indivíduo vivencia a angústia, ou seja, percebe o quão distante de si mesmo ele está, sentindo-se indeterminado, incompleto e vulnerável.

2 UMA PSICOLOGIA COM BASE KIERKEGAARDIANA

A psicologia inspirada em kierkegaardiana é voltada, de acordo com Feijoo e Protasio (2013) para que o homem, em particular, conscientize-se de sua vivência na ilusão, buscando uma teoria que considere a existência concreta, resgatando o sensível neste existência. Kierkegaard se preocupava com o homem que, porventura, perde a si mesmo, sendo tarefa do psicólogo existencial estar sempre alertando o outro sobre essa perda que acomete o indivíduo por conta do desespero e da angústia que sente frente à inconstância da existência. Feijoo e Protasio pontuam que objetivo da psicologia com base em Kierkegaard

[...] devolver o homem à sua realidade e, assim, desembaraça-lo da ilusão de que é eterno, esquecendo-se de sua temporalidade; de que é infinito, perdendo-se de seu caráter finito; e de que é pura possibilidade, abandonando aquilo que lhe é necessário (FEIJOO; PROTASIO, 2013, p. 22).

Nesta proposta Kierkegaard buscou pensar em um homem oposto à ideia de um sujeito, que, de acordo com Feijoo e Protasio (2013, p. 23) era

[...] passível de ser explicado em suas propriedades essenciais, abandonando a ideia de um psiquismo que se constitui como uma espécie de substância e que, como tal, possui propriedades e mecanismos que dão a conhecer o seu funcionamento.

Pensando nessa clínica, Feijoo e Protasio (2013) falam que o outro passa a ser como um ser de aberturas, um ser em devir, ou seja, não é passível de ser definido, sendo sempre indefinido e incompleto.

Kierkegaard vai falar que a realidade humana é o espaço onde a existência acontece, sendo até mesmo contra a ideia de uma busca à origem, visto que “acredita que conhecimento e existência coexistem e se dão por saltos” (FEIJOO; PROTASIO, 2013, p. 25), surgindo assim a teoria dos estádios de vida, criados por Kierkegaard e falados anteriormente.

Feijoo e Protasio (2013) afirmam que, para que essa psicologia com base kierkegaardiana aconteça é necessário que nos afastemos de psicologias que tem o eu, o ego e a consciência como essência da vida psíquica. Também é necessário esse afastamento com relação às psicologias que valorizam a

experiência em uma objetividade, sendo importante saber que para Kierkegaard a vida acontece na existência.

Contudo, dentro da existência há a liberdade. Por isso, Feijoo e Protasio (2013) trazem que a liberdade é o que constitui a existência humana, implicando em sua possibilidade de escolha ou de não-escolha, e, a partir dessa decisão, vivenciar as consequências de sua atitude. De acordo com Feijoo e Protasio (2013, p. 30) “O lugar da psicologia é o lugar da angústia, da indecisão, em que o homem existe sempre em liberdade – a partir da qual irá optar por determinado modo de existir em detrimento de outro”. A partir dessa escolha ou não-escolha, Feijoo e Protasio (2013) trazem que essa angústia e esse desespero do existir jamais serão resolvidos.

Contudo, quando o indivíduo tenta se livrar desses sentimentos de angústia e de desespero, ele entra no que Kierkegaard chama de “queda”. Para Kierkegaard o indivíduo nesse estado vive acreditando ser o que não é, ou então vive tão interiorizado em si mesmo que se esquece do mundo, do real. Em ambos os aspectos, o ser está em uma posição psicológica de não-liberdade, pois, como trazem Feijoo e Protasio (2013, p. 33), acredita “que não escolhe, mas as circunstâncias, de ordem externa e interna, que sempre escolhem por ele”.

Em todo indivíduo há a possibilidade da escolha acontecer, contudo a partir dessa escolha haverá a culpa, o remorso e o arrependimento, sendo sentimentos característicos de quem estabeleceu seriedade com a realidade, passando, assim, a se responsabilizar pelo o que escolher. O psicólogo que trabalhará nessa visão precisa reconhecer que, como trazem Feijoo e Protasio (2013), é a partir da liberdade que o homem vai conhecer suas ilusões e sua finitude. O ser precisa se conscientizar de sua situação, ganhando interioridade, pois somente isso é que vai permitir que ele tenha seriedade diante da sua própria existência.

Feijoo e Protasio (2013, p. 36) vão mostrar que

[...] a questão do psicólogo é acompanhar essa atmosfera da angústia, espaço em que se dá o salto – descrito como o movimento que o indivíduo faz a cada escolha e que não se constitui nunca num contínuo, uma vez que não vai se dando em um somatório. A escolha é um salto e, portanto, o ontem não importa tanto para que o hoje se estabeleça, uma vez que a existência constitui-se em movimento e o

homem, a qualquer momento, pode dar um salto. E este salto implica descontinuidade.

Sobre o psicólogo, Feijoo e Protasio (2013) dizem que Kierkegaard aborda o psicólogo como um indivíduo que, antes de investigar a existência, precisa observar a si mesmo e também observar os vários grupos de pessoas, para assim compreendê-las, juntamente aos seus estados de alma, presentes no livro “Dois discursos edificantes”. É importante salientar que, para o autor, quanto mais o ser se desconhece, menor é sua transparência.

Um desses estados de alma é, de acordo com Feijoo e Protasio (2013, p. 38), a falta de comunicação verbal e a falta de interioridade, que acabam por gerar “angústia, queixas corporais, humor excitado, irritadiço, um nervosismo à flor da pele, [...] hipocondria”. Nesse estado não se há a presença da angústia, havendo a perda de liberdade de maneira somato-psíquica. É necessário que nesse caso, o indivíduo reconquiste a sua liberdade de maneira consciente.

Outro tipo de estado é o que a perda da liberdade é pneumática, ou seja, o indivíduo externaliza a sua escolha, ou seja, não se responsabiliza por nada que venha a se decidir, sempre justificando suas atitudes com questões extrínsecas e independentes de sua auto responsabilidade. De acordo com Feijoo e Protasio (2013) esse tipo de ser acaba por sempre se ver como vítima das situações, entendendo-se como um brinquedo das situações. Nesse caso, a pessoa precisa ganhar consciência de si mesmo, interiorizando-se.

Continuando a falar sobre essa perda pneumática da liberdade, Kierkegaard vai citar alguns exemplos, que de acordo com Feijoo e Protasio (2013, p. 39) um deles é a “[...] paralisia covarde e preguiçosa, que se agarra a si mesma, ou uma rigidez que, orgulhosa de sua posição, deixa-se levar pela arrogância”. Neste exemplo falta a coragem do indivíduo acreditar em si mesmo, tendo nele a indiferença ou a hipocrisia que não assume sua posição abertamente, não tendo ousadia para enfrentar a realidade. O ser, neste exemplo, pretende resguardar o seu orgulho, não ousando se mostrar, afastando-se de qualquer risco que o impede de sofrer a dor de qualquer derrota. Neste ponto, não há coragem para buscar entender esse orgulho que lhe é próprio.

De acordo com Feijoo e Protasio (2013), essa perda pneumática da realidade é conhecida hoje como compulsão, fobia ou pânico, em que o homem busca a negação, até mesmo de sua infinitude, não entrando em contato com a possibilidade de abertura que se encontra em cada pessoa. É importante então que nesta psicologia o homem “[...] se deixe educar [...] aprendendo a conhecer os possíveis limites da liberdade e a reconhecer-se em sua finitude” (FEIJOO; PROTASIO, 2013, p. 40).

Um termo trazido por Kierkegaard é sobre o “descansar na Providência”, o qual Feijoo e Protasio (2013) traduzem-no para a psicologia com base kierkegaardiana de maneira a que, o indivíduo aprende a reconhecer qual é a sua limitação de atuação no finito, permitindo assim a pessoa ser transparente com relação a si próprio, pois passa a considerar o devir em suas infinitas possibilidades. Portanto, esse psicólogo não está ali para aliviar, disfarçar ou amenizar as angústias, mantendo o indivíduo na ilusão, mas sim precisa acolher a angústia, trazendo a consciência da finitude e mostrando que cada um tem responsabilidade por todas as suas escolhas.

É importante que se considere, igualmente, a questão do desespero na psicologia com base kierkegaardiana. Este termo significa o momento em que o indivíduo não encontra mais sentido no temporal. Feijoo e Protasio (2013) explicam que o eu deseja se estagnar, contudo ele está no eterno, no infinito, que tem por agente a imaginação. Contudo, se o indivíduo se perde nessa imaginação acaba por ser prejudicado, vivendo no delírio e na fantasia. Mas se o indivíduo se prende ao real, acaba vivenciando ações repetitivas e sem imaginação.

A partir dessas ideias, Feijoo e Protasio (2013) explicam a liberdade como a movimentação dos possíveis e dos necessários, sendo necessário o equilíbrio entre ambos. Caso esse equilíbrio falhe, o ser pode caminhar entre um dos polos opostos: medo do risco e ilusão. Contudo, a partir do desespero, o homem pode se desesperar por ser si-próprio ou então pode se desesperar por não ser si-próprio. Sabendo disso, uma psicologia com base kierkegaardiana precisa permitir que o eu se constitua, retomando o seu movimento de se constituir.

Feijoo e Protasio (2013) abordam também um método utilizado por Kierkegaard para que se chegue a essas consciências necessárias que o “eu” precisa obter: o método da comunicação indireta. Kierkegaard diz que não se

dissipa a ilusão de maneira direta, contudo, ela precisa ser dissipada radicalmente. O psicólogo precisa ser astuto no sentido de levar o outro à reflexão sobre sua própria existência, utilizando-se de ironia, metáfora e disfarces.

Sobre o ouvinte/psicólogo é preciso que se ouça o outro de maneira atenta, disposta e humilde. Feijoo e Protasio (2013, p. 48-49) falam que esse psicoterapeuta precisa

[...] dispor de um conhecimento sobre os conteúdos das demandas da multidão. Deve-se ser capaz de descrever o mundo com todos os seus encantos e com o tom de paixão daquele que se deixa levar pela multidão. Deve-se mostrar petulante para o ouvinte jovial, triste para o melancólico, espiritual se porventura gostar de belas palavras, mas sem esquecer que este ajudante – na tarefa de ajudar – deve manter-se num exercício permanente de reflexão e apropriação da sua singularidade, de modo a não se deixar perder também na multidão. Na comunicação indireta, por meio de disfarces, faz-se necessário o desprendimento em relação à opinião que se tem a respeito das coisas, sem esquecer-se de que, ao se colocar na posição do outro, tem-se a intenção de desfazer sua ilusão [...].

Feijoo e Protasio (2013) também falam da importância de tornar o outro atento, reflexivo e consciente de sua situação, até porque sempre haverá, de acordo com Kierkegaard, uma ilusão para se combater.

Sobre o ajudante, a psicologia com base kierkegaardiana prevê que, de acordo com Feijoo e Protasio (2013) o instrutor/psicólogo/ajudante precisa ajudar o outro a ter consciência de si mesmo com sua posição diante da realidade e da existência, mas sempre se conservando “na retaguarda” e liberando o outro a ser livre para si próprio.

Esse terapeuta auxilia “o outro a ganhar transparência”, como trazem Feijoo e Protasio (2013, p. 54), contudo não está neutro nessa relação, mas se compromete a levar o outro a encontrar a si mesmo, sendo transparente e se apropriando do que se é naquele momento, através do autojulgamento e da libertação da ilusão. É importante que esse terapeuta ajude o outro a distinguir o singular da multidão, mas não de maneira direta.

É importante vermos que ao assumir uma posição o sujeito está se arriscando, pois vai sair de uma posição instável para se implicar a suportar a verdade do si próprio, como explicitam Feijoo e Protasio (2013).

Esse ajudante precisa compreender que

[...]o desespero não é uma doença, mas propriamente a manifestação do caratê provisório da existência, em que cada estado reflete o seu contrário – sendo, portanto, saúde e doença igualmente provisórias. Este ajudante compreender que todo sofrimento humano tende a dirigir-se às coisas finitas, ao imediato e ao provisório, transformando em necessárias as coisas que existem na esfera do possível.

[...]O ajudante, em sua “adição”, exercita-se na paciência, pois compreender que o ajudado debate-se contra si mesmo, contra a tarefa que lhe é requerida [...] que é a tarefa de ser ele mesmo, de se tornar um indivíduo singular em meio ao múltiplo. (FEIJOO; PROTASIO, 2013, p. 56).

Ainda sobre o ajudante, de acordo com Feijoo e Protasio (2013), ele não pode ansiar por algo, pois se isso faz acaba por não entender o outro, não tendo, assim, como dar ajuda a ele, até porque o fato de ansiar, de acordo com Kierkegaard, significa não ter paciência. Sobre essa paciência, o terapeuta identifica o perigo/a ilusão e passa a acompanhar o outro nessa caminhada, apoiando-o no que for possível e necessário.

Feijoo e Protasio (2013) vão falar que, baseadas em Kierkegaard, a psicologia com base kierkegaardiana é possível, pois cabe a ela “[...]estudar a liberdade exercida na concretude da vida, que se constitui a partir do pecado como experiência do possível” Feijoo e Protasio (2013, p. 104-105). Já sobre a questão da liberdade, como o que constitui a existência, o psicólogo clínico saber que a existência possui um caráter de indeterminação, ou seja, liberdade da existência. Portanto, esse terapeuta precisa devolver ao outro a tutela de sua própria vida, de sua própria existência, sabendo que, não importa qual seja a disposição em que se encontra o indivíduo, ele estará sobre a sua própria liberdade.

O analista precisa ter conhecimento da maneira como o mundo determina o outro a pensar, sentir e agir, pois somente assim ele vai ter a compreensão de cada conflito que envolve cada uma das existências.

Portanto, como abordam Feijoo e Protasio (2013, p. 106-107) a análise da existência precisa “[...]buscar sua determinação para além dos limites do privativo e do particular”, reconhecendo que “[...]a existência se caracteriza por uma unidade entre os elementos que a constituem – tais como singular e universal, estético e ético, possível e necessário, particular e coletivo.

Para Kierkegaard, de acordo com Feijoo e Protasio (2013), o homem precisa ser resgatado, para assim não se perder no sensível, ou seja, não se

perder no acúmulo das sensações e do prazer. Até porque, a falta de fundamentos faz com que a geração atual nada deixe à geração futura.

Entre as determinações do impessoal e a tarefa singular de existir de maneira a cuidar de sua existência é que fica a clínica existencial, e, portanto, cabe a essa clínica permitir a expressão dos que se encontram em total desespero, indeterminação, transitoriedade, vulnerabilidade e instabilidade. Por isso que, de acordo com Feijoo e Protasio (2013), as pessoas que procuram ajuda na clínica, são pessoas que buscam resolver as tensões que envolvam a sua existência.

Aquele que está imerso nessa realidade com expressões de superficialidade, publicidade, nivelamento, impaciência, entre outros acaba por não enxergar qualquer maneira de pensar a existência e a realidade que não a que já está em vigência. Isto, como trazem Feijoo e Protasio (2013), faz com que o outro se esqueça de si próprio, sendo um joguete do mundo, passando a ser chamado de “[...]fóbico, de depressivo, de neurótico – enfim, daquilo que o mundo diz que ele chama” (FEIJOO; PROTASIO, 2013, p. 109).

Feijoo e Protasio (2013, p. 109) dirão que nesse espaço da análise é necessário que se resguarde

[...]a possibilidade de que este que busca ajuda possa encontrar aquilo que, mesmo no passageiro, se mantém, se repete, conforme diz Kierkegaard – ou seja, a repetição, o eterno, o necessário, sem os quais a existência perderia todo e qualquer sentido.

Trazendo a comparação das ideias de Kierkegaard com uma psicologia com base kierkegaardiana, Feijoo e Protasio (2013) vão falar do momento em que Adão, em seu adormecimento e sua inocência, depara-se com a proibição de Deus, despertando/saltando assim para a possibilidade (fazer ou não fazer). Comparando com a clínica, muitos dos que chegam a ela, chegam apenas com as determinações do mundo, acreditando-se livres e autômatos, porém, quando esse indivíduo passa a meditar em sua existência ele então desperta.

É importante ter em mente que, como abordam Feijoo e Protasio (2013), a clínica kierkegaardiana não busca resolver tensões existenciais, até porque o que constitui a existência é a própria tensão, com sua angústia, suas possibilidades e seu desespero. Mas, essa clínica busca levar o homem a seguir

seu caminho de maneira honesta consigo mesmo, convivendo com as questões que envolvem a realidade.

Considerando essa clínica, o psicólogo que nela intentar exercer a psicologia, precisa levar em conta as determinações de seu tempo, de seu existir e seu próprio espaço clínico, que é vulnerável e indeterminado.

Para concluir, Feijoo e Protasio (2013, p. 113) trazem que “[...]Kierkegaard não nos fornece um método propriamente dito – ou seja, uma técnica –, mas elementos indicadores de um caminho possível a ser seguido para, assim, facilitar a relação de ajuda”. Dentro dessa psicologia com base kierkegaardiana, alguns elementos poder ser observados, como: a humildade (pois não há garantias de resultados), a paciência (que espera o outro concluir por si próprio) e a comunicação indireta (para dissipar a ilusão através de metáforas e ironia). E será com esses elementos que, com coragem, o terapeuta realizará a sua tarefa de levar o outro a saber de si e vivenciar sua existência de maneira desperta e transparente.

3 ESTUDO DE CASO COM BASE NA PSICOLOGIA KIRKEGAARDIANA

Para este capítulo, é importante que se saiba que Kierkegaard, em 24 de julho de 1848, escreve para um jornal a reflexão a respeito da vida de uma atriz. A moça, com 30 anos, dedicava-se às artes desde os 16, e após a interpretação de Julieta, de Shakespeare, recebe muitas e duras críticas por conta de sua idade e de sua falta de juventude, apesar de sua atuação ter permitido que os espectadores tivessem suas sensações trazidas à tona.

Com base nesse relato, Feijoo (2007) à luz de uma psicologia com inspirações kierkegaardiana, abordará o estudo de caso de uma moça, chamada pela autora de Flávia, que procura a psicoterapia, aos 32 anos, com a queixa de estar entediada, não suportando conviver com pessoas e se sentindo mal com as pressões que o mundo a expos. A moça, também atriz, sente-se incomodada também por passar por uma fase de muitas críticas.

Feijoo (2007) traz o início do relato de Kierkegaard que diz o quanto a maioria das pessoas cria a ideia de que ser uma atriz renomada significa ter uma encantadora condição de vida, contudo se esquece de que há um lado difícil, como as trivialidades, algumas injustiças e incompreensões.

Sobre o tédio, Feijoo aborda-o baseada em Kierkegaard, dizendo ser algo necessário a ser vencido e mantido à distância, e como vencê-lo se não “Através de uma **ilimitada infinitude** de mudanças, e uma dimensão extensiva, respeitando o **princípio da limitação**, o qual julga ser aquele que salva em um mundo repleto de solicitações”? (FEIJOO, 2007, p. 114). Ou seja, alguém que está cansado de determinada situação externa em sua vida, com sua repetição, resolve ir em busca de novidades, mas sem refletir a respeito da situação, apenas querendo sempre o novo. Flávia não tinha o conhecimento de sua ilimitada infinitude de mudanças a partir do princípio da limitação, por isso o tédio que sentia.

O sofrimento psíquico de Flávia girava em torno da temporalidade, ou seja, da passagem de tempo, que no caso dela, levou ao descarte, visto que a juventude se acabou. Flávia passou a vivenciar a perda dessa juventude, o

desespero e o tédio através da angústia. Junior (2003, p. 46) vai falar que, de acordo com Heidegger

[...]a existência (no sentido de Kierkegaard) coincide com a temporalidade, e não existem categorias ou formas ou conceitos que não se resolvam na temporalidade. [...] Heidegger entende que não existe o conceito de tempo, senão o tempo real, concreto; e o *ser* está no perene retorno-a-si mesmo.

Feijoo (2007) traz o sofrimento de Flávia, dizendo que a atriz se angustiou, pois os diretores de uma novela não concordam entre si a respeito dela atuar em determinado papel. A paciente sabe que os dois temem o público não se agradar com ela, até porque agora o novo ídolo é uma atriz de dezesseis anos. Flávia se sente mal por duas situações. De um lado, ela sabe que o papel poderia ir para ela só por quererem agradá-la e de outro sabe que se não tiver o papel essa situação terminará de vez.

Feijoo (2007) fala que é preciso que o psicólogo “[...] na adição, reconhecendo-se no seu projeto, naquilo que lhe é mais fundamental, e não se perdendo no plural (demandas do mundo), pudesse identificar a ilusão do outro” (FEIJOO, 2007, p. 177). Ao identificar esta ilusão, o psicólogo finge que compartilha dela, mas com o intuito de provocar a reflexão em seu paciente.

Esse é o papel do ajudante, como visto no capítulo anterior. Quem quer ajudar precisa estar ciente de que ambos, psicólogo e paciente, são diferentes. De acordo com Feijoo (2007), Flávia precisava reconhecer que o que ela chamava de sorte na verdade era o seu talento e que este pertencia a ela.

Ainda sobre a sorte, Feijoo (2007) traz o relato de Kierkegaard em que Flávia abordava ter tido sorte desde sempre, com muitos amigos por perto, indo a festas e reuniões, sempre ganhando prêmios em gincanas e com bons namorados, obtendo autonomia financeira e a família estando bem. A partir desse discurso, o terapeuta busca levar Flávia a refletir que somente agora parecia que a sorte a havia abandonado.

Continuando o relato, Feijoo (2007) traz o papel do psicólogo que leva Flávia a refletir que na verdade a sorte não a abandonou, mas sim a juventude. E que ele se reconhece muito talentosa, mas impossibilitada de ter o sucesso de antes, que era o maior de todos. Logo, Flávia consegue assumir e reconhecer que o que antes ela chamava de sorte na verdade era talento.

Um novo dilema existencial surge a partir dessa tomada de consciência de Flávia: continuar nos palcos, mostrando o seu talento, mas não mais reconhecida por sua beleza juvenil, ou abandonando a carreira para que permanecesse eternamente na memória do público como alguém jovem e bela.

A respeito disso, Feijoo (2007) aborda o relato de Kierkegaard que diz que a beleza da atriz é que é a segurança de uma boa performance. A sua sedução é indicativa de felicidade e exuberância.

Usando por base as reflexões dos capítulos anteriores, sabe-se que neste momento de sua vida, Flávia vive o desespero humano, visto que precisa escolher e fazer uma importante decisão, que é continuar ou não atuando com seu talento. Kierkegaard (2006, *apud* FEIJOO, 2007) vai abordar a decisão, dizendo que decidir não é apenas um isto ou aquilo, até porque toda decisão traz consigo consequências para si próprio e para o outro. Contudo, toda decisão amadurece a alma, e nem todas as pessoas possuem a capacidade de estar diante de um dilema, não conseguindo reconhecer a dúvida, a indecisão e as consequências.

O fato de Flávia já conseguir reconhecer esses aspectos mostra, de acordo com Feijoo (2007), que ela era capaz de tomar atitudes e de se comprometer com suas palavras.

Pautada nas explicações dos capítulos anterior, poder-se-á observar que inicialmente Flávia estava caminhando em um estágio estético, visto que estava apenas preocupada com os prazeres da beleza, da fama e do sucesso, incapaz de fazer escolhas, obtendo tudo o que queria e que podia comprar. Contudo, deparando-se com a limitação de sua idade, Flávia deu o salto do estágio estético para o ético, entrando no desespero de se escolher, por ter a consciência da consequência da escolha que for fazer.

Feijoo (2007) traz a fala de Kierkegaard que diz em seu relato que o ajudante precisa estar sempre alerta de suas pontuações, cuidando sempre do que fala e acompanhando a decisão do indeciso, sem atuar com dissimulação. A partir disso, Feijoo (2007) mostra a intervenção do psicólogo com Flávia, que a leva a refletir em personalidades famosas vistas como velhas. Contudo algumas permaneceram na memória do público, enquanto outras foram criticadas. Isso demonstra que, não importa qual seja a decisão, Flávia correria riscos.

Feijoo (2007) continua dizendo ser necessário que Flávia assumisse para si mesma a sua vocação, para que com isso nem público e nem mídia a assustassem mais, visto que o seu trabalho é a sua paixão.

Logo em seguida, Feijoo (2007) mostra que Flávia diz ao psicólogo que passou a sentir medo de entrar no palco, dificultando até mesmo a sua memorização, coisas que antes não aconteciam. A atriz fala que o medo do palco, das críticas, do público a estavam paralisando, dando a ela vontade de desistir. Porém se desistisse a sua vida perderia o sentido, então o que ela queria era vencer esse medo.

Flávia se sentia mal de não ser admirada, de não ser mais como antes, de não ser mais a melhor de todas as atrizes, com o maior de todos os sucessos. Ela se sentia insegura com a avaliação do público e se sentia entediada e com medo de perder o sentido de sua vida se deixasse de atuar. Flávia se garantiu em sua juventude e se esqueceu de suas limitações.

Feijoo (2007) diz que era necessário que Flávia fosse atrás de suas poses indefinidas, pois poderia ser por estas que a atriz teria a sua metamorfose. Era necessário que Flávia tivesse a ideia, mas com comprometimento. A atriz também “[...] precisava poder reconhecer o seu desespero do eterno, reconhecer a sua temporalidade e o que nela permaneceria no eterno” (FEIJOO, 2007, p. 122). Flávia acaba por se esquecer de sua genialidade, visto que estava muito afetada pelas opiniões do público. E esse é o papel do psicólogo, auxiliando-a a se despertar para si mesma, de maneira que “[...] Flávia não se perdesse no falatório do impessoal” (FEIJOO, 2007, p. 122).

Feijoo (2007) também elucida algumas ideias de Kierkegaard a respeito do tempo, que ao mesmo tempo que tirou algo de Flávia – a juventude –, trouxe, de outro lado, a experiência. Isso é a metamorfose. O tempo não pode destruir, mas sim pode tornar algo manifesto.

3.1 Análise do caso à luz kierkegaardiana

Refletindo o caso de Flávia à luz de Kierkegaard e usando por base os conceitos trazidos em capítulos anteriores, Fernandes e Campos (2013) trazem o conflito existencial abordado por Kierkegaard quando há a dualidade de alguns

conceitos, como no caso de Flávia, em que ela esteve em conflito com a ideia de finito e de infinito. A atriz se deparou com o possível final de uma carreira pela finitude de sua juventude, mas com a possibilidade de continua-la. A partir disso, Flávia foi levada a escolher entre essas dualidades.

É através dessa oposição que se poderia observar a atriz indo de um estádio kierkegaardiano para outro. Relacionando os estudos de Fernandes e Campos (2013) com o caso de Flávia, esta atriz estaria no estádio estético, pois ainda havia a preocupação com questões materiais, agindo por instinto e por busca de prazer, que no caso de Flávia era o prazer de ser reconhecida e aclamada por todos. Assim como condiz à fase, Flávia estava mais preocupada em viver o presente, sem refletir que um dia envelheceria e como ela lidaria com essa velhice, sendo uma pessoa centrada em si mesma.

Porém, Flávia dá o salto para o estádio ético. Como abordam Fernandes e Campos (2013), no estudo deles, a atriz já consegue entrar em contato com os conflitos de sua subjetividade, quando não sabe se volta aos palcos, pois se vê talentosa e não quer ficar igual a mãe, mas não sendo mais aclamada por sua juventude e beleza, ou se não enfrenta a situação e eterniza na mente das pessoas como uma mulher que um dia fora a mais bela das atrizes. Flávia já consegue enxergar o dever de algo em sua vida, podendo perceber que terá que ter responsabilidade e consequência em suas escolhas.

O relato traçado não entra no estádio religioso, porém vê-se que o psicólogo conseguiu conduzir a atriz à reflexão de suas atitudes e de sua vida, podendo a partir disso ter poder de escolha.

Relembrando, esses estádios são permeados de angústia e desespero. Sampaio (2003) traz o desespero do estádio ético, que foi o desespero mais aparente em Flávia, que é o desespero da pessoa que precisa se auto afirmar, não aceitando julgamentos.

Flávia, inicialmente, teve dificuldades em aceitar os julgamentos vindos do público, não sabendo lidar com os julgamentos, os comentários, as críticas e as opiniões. Foi o momento em que a psicoterapeuta a levou a se auto conhecer, podendo fazer escolhas a partir do que refletisse como sendo o melhor.

Enquanto Flávia estava na ignorância de seus atos, não refletindo sobre eles, não havia nela angústia. Porém, no momento em que possibilidades sobre como agir surgiram, a dúvida, o desespero e a necessidade de escolha também

apareceram. Como citado anteriormente, o indivíduo passa a sofrer em seus paradoxos existenciais, como Flávia estava sofrendo nos seus.

Mas tudo isso foi possível com as intervenções da psicoterapeuta, ou, no termo de Kierkegaard, do “ajudante”. E como já visto previamente, o ajudante precisa orientar a pessoa a como agir em alguma situação que apresenta algum conflito. No caso de Flávia, a psicoterapeuta devolvia as questões à Flávia, para que esta pudesse refletir no que estava dizendo e pudesse dar a resposta a si mesmo. A psicoterapeuta, com sua escuta atenta, uniu falas da paciente, que muitas vezes eram falas paradoxais, ajudando a paciente a perceber e a tomar consciência de todos os seus conflitos a respeito daquela questão, para que, a partir disso, pudesse refletir e se decidir.

O papel deste ajudante é levar o outro a perceber que vive em uma ilusão, para a partir disso introduzir a reflexão, podendo, o outro, libertar-se do autoengano, permitindo que o outro chegue em sua singularidade, assumindo a sua posição existencial, deixando de ser instável, para que possa, então, determinar-se e se sentir mais completo. Flávia foi encaminhada por esse percurso, sentindo a angústia e sua posição existencial, sendo necessário assumir e tomar posse de sua existência.

Feijoo e Protasio (2013) abordam a questão do eterno-temporal, isso é, Flávia viveu por muitos anos com a não consciência de que um dia a juventude acabaria conforme sua idade chegasse, e quando se reflete sobre a temporalidade, o sujeito precisa sair da ilusão de ser eterno, para que a consciência de temporalidade seja lembrada, ou seja, que o tempo passa e que a velhice chega, bem como a morte. De acordo com as palavras das autoras

Ele, o psicólogo, parafraseando Kierkegaard (1987), desfaz os laços da ilusão, para que assim o iludido possa desvelar a sua situação e nela assumir outras possibilidades que parecem obscurecidas pela restrição da sua existência a um só possível. Por isso o psicólogo clínico jamais assume o lugar do especialista que conhece as verdades do psiquismo bem como desconhece o caminho acesso a suas verdades (FEIJOO; PROTASIO, 2013, p. 982).

Flávia esteve vivendo o que não era ao acreditar na sorte. A atriz não viveu o seu talento, ou seja, aquilo que ela é, mas sim a sua sorte, que de início, era algo passageiro e que ela perdeu quando sua beleza e sua juventude foram

igualmente perdidas, esquecendo-se do real. Flávia acreditava que não tinha poder de escolha, mas as situações diárias, as sortes, é que escolhiam por ela.

Mas, com a ajuda da psicoterapeuta, Flávia se conscientizou de sua situação, ganhou interioridade ao se conhecer e entender as suas limitações e suas possibilidades com uma “nova vida”, tornando-se séria diante de sua própria existência. Esse ajudante não teve o papel de amenizar a dor de Flávia, mas sim de acolher a angústia, mas sem deixar de fazer com que a atriz tomasse consciência de sua finitude e de sua infinitude, ajudando-a a se responsabilizar por suas escolhas.

Critelli (1996, p. 19-20) vai falar que

A experiência humana da vida é, originalmente, a experiência da fluidez constante, da mutabilidade, da inospitalidade do mundo, da liberdade; a segurança não está em parte alguma. E isto não é uma deficiência do existir como homens, mas sua condição, quase como sua natureza.

Na base da estrutura de nossa episteme ocidental, a apreensão desta fluidez própria do ser, do existir, parece suscitar uma intranquilidade ao mesmo tempo que um desafio: bloquear essa fluidez, sustenta-la, interrompê-la a fim de se conquistar uma estabilidade, de se sobrepor à insegurança uma posição de domínio, a garantia de um asseguramento.

Flávia se angústia, pois naquilo que via a sua segurança – a sua atuação e a sua beleza – havia se desfeito, por conta de sua idade. Flávia precisava reconhecer e apreender essa fluidez que faz parte de toda pessoa em seu existir. Porém, na intenção de obter estabilidade, a atriz ficou insegura, chateada e inconformada, buscando esse asseguramento ao procurar a terapia.

Critelli (1996, p. 22-23) continua falando sobre a perda do sentido da vida, ao qual, buscando relacionar seu artigo com a análise da queixa de Flávia, pode-se compreender que

A perda de sentido de ser. Só a partir daí é que o pensamento encontra seu apelo para pensar. Só diante de um vazio de sentido para ser, que torna insignificante os significados tácitos e outrora claros de todas as coisas, é que o pensamento se lança na aventura de saber, de conhecer. O pensar se lança como propriamente é, interrogante, se angustiado; ele é posto pela angústia de ser diante do nada, da inospitalidade do mundo, da liberdade da existência.

Feijoo e Protasio (2013) trazem o papel da psicoterapeuta que busca levar a pessoa a ser honesta consigo mesma, de maneira humildade, paciente e com

comunicação indireta. E isso viu-se no caso de Flávia, em que o psicólogo, sem dar nenhum tipo de sugestão, levou a atriz a refletir em suas próprias respostas, encontrando outras saídas e sendo sincera consigo mesma, a partir das respostas dadas. Pela não interferência do ajudante, o outro pode tomar posse de si mesmo e de suas próprias ideias, enxergando a saída por si só e pelas reflexões que a psicoterapeuta o leva a ter.

Flávia teve liberdade de suas escolhas, como podemos relacionar com os escritos dos capítulos anteriores. E, passou a entender a consequência delas. Viu-se, então, que o caso foi direcionado com bases kierkegaardianas, seguindo a sua teoria e suas ideias.

CONCLUSÃO

Conclui-se, pois, com o presente trabalho, que, como proposto no início, é possível sim fazer uma clínica psicológica baseada nos fundamentos e nas ideias do filósofo e precursor do existencialismo, Sören Kierkegaard.

Sabe-se que Kierkegaard teve uma vida difícil, com ensinamentos religiosos autoritários e sempre estando preocupado com a maneira como Deus reagiria diante de suas ações. Porém quando teve uma experiência divina, pode então compreender a diferença de viver com Deus de maneira autoritária e de maneira espiritual.

A partir de suas experiências de vida, de seus conhecimentos e de suas observações e vivências sobrenaturais, Kierkegaard deu início ao pensamento filosófico existencialista, refletindo sobre os três estádios que uma pessoa pode estar: o estético, o ético e o religioso. Elucidou com exemplos e com pseudônimos, em seus livros, a maneira de se viver e de pensar o indivíduo em um desses estádios, e o sofrimento – ou o que ele chama de desespero – que envolve a mudança de um estádio para o outro.

Pode-se também observar que, através das autoras Myriam M. Protasio e Ana Maria L. C. de Feijoo, as ideias filosóficas de Kierkegaard foram inspiradoras para se pensar uma clínica psicológica existencial, ou uma clínica com bases kierkegaardianas. Através das reflexões das autoras, é possível observar que quando na clínica, os pacientes vão em sofrimento, e muitas vezes sofrimentos que envolvem a passagem de um estádio para o outro.

O psicólogo, que é colocado como um ajudante, por Kierkegaard, é alguém que permitirá esse acesso ao estádio seguinte. Será o psicólogo que, através de reflexões, provocações e intervenções dará o auxílio para que o outro se aproprie da vida que é sua, percebendo a necessidade de se fazer escolhas diante das possibilidades que a vida lhe oferece.

Não menos importante, o trabalho também se conclui mostrando ser possível, através de uma análise de discurso clínico, a aplicabilidade dos conceitos de Kierkegaard na Psicologia.

Portanto, o trabalho visou ao estudo e ao aprimoramento do tema e da abordagem fenomenológica-existencial, permitindo o princípio de um

conhecimento que será melhor aprofundado ao longo do tempo, mas um conhecimento que possibilita o alicerce para que a prática clínica com bases em uma perspectiva kierkegaardiana aconteça.

A partir do conhecimento dos conceitos principais e iniciais de Kierkegaard é que poderá ocorrer a ampliação de outros conceitos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAUJO, Ariana Maria Leite. O diagnóstico na abordagem fenomenológica-existencial. **Rev. IGT na Rede**, V.7, nº. 13, 2010. Disponível em: <http://igt.psc.br/ojs2/index.php/igtnarede/article/viewFile/1950/2658>. Acesso em: 07/11/2017.

CRITELLI, Dulce Maria. **Analítica do Sentido: uma aproximação e interpretação do real de orientação fenomenológica**. São Paulo: EDUC, Brasiliense, 1996.

FEIJOO, Ana Maria Lopez Calvo de; PROTASIO, Myriam M. Análise existencial: uma psicologia de inspiração kierkegaardiana. **Arq. Bras. Psicol.**, 2011, vol. 63, n. 3, pp.72-88. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S1809-52672011000400007. Acesso em: 06/03/2018.

FEIJOO, Ana Maria Lopez Calvo de et al. Kierkegaard, a Escola da Angústia e a Psicoterapia. **Psicol. cienc. prof.**, Brasília, v. 35, n. 2, p. 572-583, Junho 2015. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932015000200572&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 03/04/2018.

FEIJOO, Ana Maria L. C. de. Os fundamentos da clínica psicológica na filosofia de Sören Kierkegaard. **Rev. Da Abordagem Gestáltica**, XIII(1): 111-124, jan-jun, 2007. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rag/v13n1/v13n1a08.pdf>. Acesso em: 07/11/2017.

FERNANDES, Mônica Ap.; CAMPOS, Ronny Francny. Temor e Tremor: a natureza da fé no pensamento de Kirkegaard para a atualidade. **Rev. Eletrônica de Filosofia**, vol. 10, nº. 1, janeiro-junho, 2013, p. 012-022. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/cognitio/article/view/11595/9852>. Acesso em: 07/11/2017.

JANZEN, Marcos Ricardo; HOLANDA, Adriano. Elementos para uma psicologia no pensamento de Sören Kierkegaard. **Estud. Pesqui. Psicol.**, Rio de Janeiro, v. 12, n. 2, p. 572-596, 2012. Disponível em: <http://www.revispsi.uerj.br/v12n2/artigos/pdf/v12n2a15.pdf>. Acesso em: 06/03/2018.

JUNIOR, João Ribeiro. **Introdução ao existencialismo**. Campinas, SP: Edicamp, 2003.

KIRKEGAARD, Sören. **Diário de um Sedutor**. São Paulo: Editora Martin Claret, 1843.

KIERKEGAARD, Sören. **O Desespero Humano, da Coleção Os Pensadores**. Rio de Janeiro: Abril Cultura, 1988.

PROTASIO, Myriam M. A Psicologia indicada por Kierkegaard em algumas de suas obras. **Rev. Da Abordagem Gestáltica**, XX(2): 213-220, jul-dez, 2014. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rag/v20n2/v20n2a09.pdf>. Acesso em: 07/11/2017.

PROTASIO, Myriam Moreira. Contribuições kierkegaardianas Para a Compreensão do Adoecimento Psíquico. In: **SIMPÓSIO DE PSICOLOGIA FENOMENOLÓGICO – EXISTENCIAL**, 1., 2008, Belo Horizonte. Anais. Belo Horizonte: Fundação Guimarães Rosa, 2008. p. 158-169. Disponível em: <http://www.fgr.org.br/admin/artigos/2008275742118016791786152565Myriam%20Moreira%20Protasio2%20-%20ANAIS%20psicologia.pdf>. Acesso em 06/04/2018.

SAMPAIO, Sílvia Saviano. Kierkegaard: a ambiguidade da imaginação. **Trans/Form/Ação**, Marília, v. 26, n. 1, p. 87-96, 2003. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-31732003000100003&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 06/03/2018.

VERGEZ, André e HUISMAN, Denis. O que é Existencialismo? In: **O Existencialismo é um Humanismo**. Rio de Janeiro: Freitas Bastos, 1976. Disponível em: http://portalgens.com.br/filosofia/textos/que_e_o_existencialismo_sartre.pdf. Acesso em 06/04/2018.

SILVA, Jovânia Marque de Oliveira e; LOPES, Regina Lucia Mendonça; DINIZ, Normélia Maria Freire. Fenomenologia. **Rev. Bras. Enferm.** Brasília, 2008, mar-abr; 61(2): 254-7. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/reben/v61n2/a18v61n2.pdf>. Acesso em 06/03/2018.